

## Análise linguística: a semântica aplicada ao ensino gramatical no ensino médio

Raquel Márcia Fontes MARTINS and Ana Paula HUBACK

O presente estudo avalia a abordagem do eixo de ensino da análise linguística em duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio no contexto educacional brasileiro. Especificamente, analisa-se, nessas coleções, se o ensino gramatical é vinculado a questões semânticas, visando à produção de sentidos nos textos. Tradicionalmente, os livros didáticos desse segmento apresentam um ensino de gramática descontextualizado da construção de sentido dentro do texto. O ensino de gramática, é, portanto, desvinculado do contexto semântico mais amplo inerente às palavras e aos sintagmas (Ilari, 2001; Cançado, 2008). Como, na construção de sentido, gramática e semântica são componentes intrínsecos e indissociáveis, faz-se necessário rever esta abordagem dicotômica. Como alerta Perini (1997), a produção de sentidos, em um texto, não se limita à análise da estrutura da língua apenas, mas demanda uma série de conhecimentos, inclusive, conhecimentos prévios que vão além da superfície textual.

As duas coleções aqui analisadas são: “Interação – Português”, de Sette *et al* (2020), e “Práticas de Língua Portuguesa”, de Faraco, Moura e Maruxo (2020). Essas duas coleções foram aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do governo federal brasileiro. Esse programa avalia obras didáticas e outros trabalhos de apoio à prática educativa, a fim de disponibilizar esses materiais, de forma gratuita, às escolas públicas de educação básica de todo o país. A escolha pelas duas coleções teve como principal critério o fato de seus autores terem maior experiência na produção de livros didáticos de língua portuguesa, tendo outras coleções aprovadas em edições anteriores do PNLD. Comparam-se exercícios propostos pelas duas coleções de livros didáticos, a fim de observar como a interconexão entre semântica e ensino da gramática é abordada nas duas perspectivas.

A discussão em torno do ensino da gramática, relacionada à análise linguística, ganha um contorno importante no Brasil, principalmente, com os estudos de Franchi (1987), Geraldi (1991), Travaglia (1995), Possenti (1996), Castilho (1998), Costa Val (2002), Moura Neves (2003) e Antunes (2003, 2014). Tais estudos destacam a importância do trabalho com a gramática em função da produção de sentidos e não o

estudo da gramática através do texto como pretexto para tal análise. Franchi (1987, p. 13) destaca a criatividade no uso da gramática: "... há uma atividade criativa mesmo quando a linguagem se sujeita a suas próprias regras e há criatividade na construção das expressões mais simples e diretas em cada um de nossos atos comunicativos". Dessa forma, o autor lança luz sobre a percepção das possibilidades de efeitos de sentido desencadeadas por diferentes arranjos dos recursos expressivos. Geraldi (1991) afirma haver, na interação linguística, "uma espécie de inevitabilidade de busca de sentido" (p. 19), ressaltando as ações que se fazem com a linguagem (atividades linguísticas), as ações que se fazem sobre a linguagem (atividades epilinguísticas) e as ações da linguagem (ações metalinguísticas). Geraldi (1991) também propõe que a reflexão epilinguística tenha prioridade sobre a metalinguagem no ensino. Travaglia (1995) pondera que o ensino de gramática deve ser baseado no uso, na reflexão, considerando a interação em uma situação específica de comunicação. O autor afirma, também, que "o que faz da sequência linguística um texto é exatamente a possibilidade de estabelecer um efeito de sentido, uma unidade de sentido para o texto como um todo" (p. 108). Possenti (1996) também destaca a importância da reflexão sobre a língua em uso no ensino de gramática, defendendo que a escola deve promover reflexões epilinguísticas e metalinguísticas que contribuam para o uso adequado da língua em diferentes situações comunicativas. Castilho (1998) e Moura Neves (2003) destacam a importância do ensino gramatical reflexivo não somente da língua escrita, mas também da língua falada. Costa Val (2002), nessa mesma abordagem, propõe uma inversão do tradicional caminho "teoria-exemplo-exercício", de maneira que se inicie da prática para chegar à teoria no ensino da gramática, que se parta do concreto para o abstrato, do que é conhecido pelo aluno para o desconhecido, a fim de que a produção de sentidos se efetive. Por fim, Antunes (2014) defende o ensino da gramática contextualizada, "a serviço dos sentidos e das intenções que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer" (ANTUNES, 2014, p. 47). Além disso, o autor afirma que essa visão sobre gramática é uma "perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando, como referência de seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita" (ANTUNES, 2014, p. 46).

É objetivo deste trabalho investigar em que medida as coleções de livros didáticos analisadas consideram os apontamentos dos estudos científicos aqui tratados. Os resultados apontam para a necessidade de o livro didático de língua portuguesa situar a análise linguística em função da produção de sentidos, seja na

fala ou na escrita. Como conclusão, este trabalho apresenta diretrizes que podem ajudar professores, consultores educacionais e elaboradores de materiais didáticos (ou de exames de avaliação em larga escala) a fazerem uma integração mais plena e produtiva entre aspectos gramaticais e semânticos, tanto na preparação de materiais de ensino quanto na avaliação de conteúdos aprendidos. Espera-se, por fim, que os estudantes sejam beneficiados com essa abordagem mais orgânica entre gramática e construção semântica.

## Referências:

- ANTUNES, Irlandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irlandé. Gramática contextualizada. São Paulo: Parábola, 2014.
- CANÇADO, Márcia. Manual de semântica: noções básicas e exercícios. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A língua falada no ensino do Português. São Paulo: Contexto, 1998.
- COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. Revista de Estudos da Linguagem. Vol. 10, No 2, 2002.
- FARACO, MOURA E MARUXO. Práticas de Língua Portuguesa. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. São Paulo: Secretaria de Educação/CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), 1987.
- GERALDI, João Wanderlei. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ILARI, Rodolfo. Introdução à semântica: Brincando com a gramática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- MOURA NEVES, Maria Helena. Que gramática estudar na escola? São Paulo: Contexto, 2003.
- PERINI, Mário Alberto. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.
- SETTE, Graça et al. Interação – Português. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. Gramática e interação. São Paulo: Cortez, 1995.